



10 anos em Macaé
Primeira década de atuação da UFRJ no norte fluminense foi celebrada no dia 21. Câmara Municipal também prestou homenagens

Página 6

ELEIÇÃO DA ADUFRJ: CHAPAS APRESENTAM PROPOSTAS

Páginas 4 e 5

FUTURE-SE OU DEVORO-TE

ÉDIPPO E A ESFINGE

Autor: François Xavier Fabre (1766-1837).

DA REDAÇÃO

A esfinge pergunta: “Que animal pela manhã tem quatro pés, de tarde tem dois, e à noite tem três?”

A esfinge que aterrorizava Tebas e devorava quem não a decifrasse ilustra a estratégia do ministro da Educação, Abraham Weintraub. A cada encontro com dirigentes da comunidade científica em seu gabinete em Brasília, o ministro determina que os professores deixem celulares do lado de fora, e ali, entre quatro paredes, apresenta sua ardilosa charada. Avisa que a penúria orçamentária das universidades brasileiras pode ser estancada desde que as instituições aceitem aderir ao Future-se. Do contrário, irão sucumbir. A ameaça, sempre pronunciada de forma cínica, não intimidou a comunidade acadêmica. Mais de 40 universidades, entre elas a UFRJ, já se manifestaram contra o programa que fere a autonomia universitária. Em reunião com Weintraub, no último dia 13, representantes da Andifes e da SBPC relataram o drama dos campi e alertaram para a tragédia do desmonte do ensino superior e do sistema de pesquisa do país. Weintraub respondeu que ele não era culpado e que iria salvar as universidades desde que elas abraçassem o Future-se. “É isso, ou vão ficar à míngua”, ameaçou o ministro diante de uma plateia atônita de docentes respeitosos que, ao contrário do grego Édipo, não responderam sobre a identidade da criatura que comanda a Educação do país. **Página 3**

A SEMANA

ANDROIDES NÃO FORAM PROGRAMADOS PARA LIDAR COM O CONHECIMENTO

DIRETORIA

‘O sonho da razão produz monstros’. Trata-se do título de uma famosa gravura de Goya, criada entre 1797 e 1799. Nessas primeiras décadas do milênio monstros estão sendo recriados: distopias fundadas no supremacismo de uma racionalidade tecnocrática são reeditadas em livros e se reapresentam em remakes de filmes cult do século XX. Fahrenheit 451, de R. Bradbury (1953), e Laranja Mecânica, de A. Burgess (1962) são exemplos de novas traduções saídas recentemente no Brasil, e que, junto com 1984, de G. Orwell (1949), Admirável Mundo Novo, de Huxley (1932) e outras, compõem um conjunto de obras críticas ao que parecia na época uma tendência assustadora. Fahrenheit 451, o filme que François Truffaut realizou em 1966, foi repaginado, em 2018, como série de TV. Triste ironia, pois, no original, a televisão é a alienante substituta de todos os materiais de leitura, queimados em fogueiras à temperatura de 451 graus fahrenheit. Ou seja, num universo em que a paz social resulta da submissão das tensões (e paixões) à verdade única da técnica, o conhecimento não encontra lugar.

Talvez a mais icônica dessas ficções distópicas, porém, seja Blade Runner, dirigido por Ridley Scott em 1982 (a partir do romance de Philip Dick, de 1968, Androides sonham com ovelhas elétricas? - também refilmado em 2017). O enredo se passa, curiosamente, em 2019, quando grande parte da população do planeta, devastado pela guerra nuclear, emigrou para colônias galáticas. Lá, androides - robôs com perfeita aparência humana -, inventados por empresas, suprem necessidades de mão de obra; animais e plantas também são produzidos artificialmente, pois os naturais foram extintos. O protagonista da trama é um ex-policial incumbido de caçar um grupo de androides que vive ilegalmente na Terra. No confronto final, o líder vilão, cujo prazo de validade está a expirar, salva o caçador da morte e faz um discurso em que se queixa da inutilidade de sua vida de androide. Todas as experiências que teve ficarão perdidas, “como lágrimas na chuva”, porque os androides não foram programados para registrar e transmitir a memória. Ou seja, não foram “programados” para lidar com o conhecimento.

Não parece coincidência que tais livros e filmes tenham voltado à berlinda nos dias que correm. Entre nós, à quase diária divulgação de disparates, falsidades e desinformações, por parte do governo, se somam frequentes rasteiras aplicadas à cultura, agressivo desrespeito a agências de produção de dados sobre a realidade e ameaças constantes à autonomia e ao próprio funcionamento das universidades públicas. Ou seja, em curso o desterro do conhecimento.

As investidas contra o CNPq não são ficção. Álvaro Alberto, vice-almirante e cientista que pugnou pela implementação do programa nuclear brasileiro, chamava a Lei 1310 (a lei que instituiu o Conselho Nacional de Pesquisas, em 1951) de Lei Áurea da Pesquisa no Brasil. Com efeito, o Conselho, que a partir de 1974 passou a ser designado como Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, integrava o projeto de nação que sobreviveu, ainda que com enviesamentos sérios, à ditadura. Ao Conselho, sediado no âmbito da Presidência da República, se subordinavam órgãos como



CONHECIMENTO SEM CORTES

OBSERVATÓRIO PREPARA SEMINÁRIO SOBRE UNIVERSIDADE

■ A Comissão de Educação da Câmara dos Deputados aprovou requerimento para a realização do Seminário “Universidade Pública no desenvolvimento da Ciência e Tecnologia, da Educação e do Conhecimento”. O evento é uma proposta do Observatório do Conhecimento, em parceria com a Frente Parlamentar em Defesa das Universidades Federais, e será realizado conjuntamente com a Comissão de Ciência e Tecnologia. Os eixos definidos para a discussão serão: Autonomia Universitária; Relação entre a Universidade Pública e fontes privadas de capital; e Democracia e Gestão. Os convidados serão definidos em reunião da comissão executiva do Observatório na próxima semana.

AGENDA

29/08 10H

1º DEBATE ENTRE CHAPAS PARA DIRETORIA DA ADUFRJ

no IFCS, no Largo de São Francisco, Centro

DIVULGAÇÃO



IMAGEM DA SEMANA

CEFET-RJ FAZ VALER SUA AUTONOMIA E EXPULSA INTERVENTOR ESCOLHIDO POR WEINTRAUB

■ Estudantes e professores do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ) expulsaram o diretor-geral escolhido pelo MEC para assumir a instituição. Eles fizeram uma barreira humana e impediram o interventor de entrar no gabinete da direção. A comunidade havia eleito o professor Maurício Saldanha Motta para o cargo, mas o ministro Abraham Weintraub designou seu assessor, Maurício Aires Vieira. Vieira é professor da Universidade Federal do Pampa.

FUTURE-SE OU DEVORO-TE

MEC pressiona reitorias por mais adesões ao Future-se

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

Ataques aos professores de Humanas, reitores nomeados contra a vontade das comunidades universitárias, mudanças em critérios de bolsas da Capes, contingenciamento de orçamento. O Ministro da Educação, Abraham Weintraub, está usando toda sorte de expedientes para asfixiar o ensino superior e implantar o Future-se. O titular do MEC esperava que, ao menos, um quarto das universidades federais aderisse. Até agora, foi contrariado pela realidade. Mais de 40 universidades, segundo o site da Andifes, já se manifestaram contra o projeto - apenas a reitoria da Federal de São Carlos disse publicamente que há “potenciais vantagens” na adesão.

A estratégia do ministro Abraham Weintraub é retaliar financeira e politicamente quem discorda. Um exemplo vem da Federal do Ceará. Em 14 de agosto, o Conselho Universitário da UFCE votou contra o programa. No dia 19, o ministro nomeou para reitor o último colocado na consulta eleitoral, professor Cândido Albuquerque. Um dia depois, o novo reitor deu entrevista defendendo o Future-se. Weintraub já nomeou oito dirigentes que não são os escolhidos pela comunidade acadêmica.

Mas o principal fator de pressão utilizado pelo governo ainda é o orçamento reduzido e liberado a conta-gotas. Em reunião com a reitoria da UFRJ - uma vez adiada - na manhã

de quarta-feira (21), em Brasília, Weintraub não garantiu sequer a liberação de recursos em setembro. A reitoria demonstrou que precisa de um repasse mínimo de R\$ 33 milhões para manter a instituição funcionando. “Qualquer valor menor vai nos deixar sem controle sobre vários contratos”, afirmou o pró-reitor de Finanças, professor Eduardo Raupp.

Abraham Weintraub e seus assessores, nas entrelinhas da audiência que durou aproximadamente uma hora, lançaram o desafio da esfinge, o famoso “decifra-me ou te devoro”. Os representantes do MEC deixaram claro que a única saída para os problemas financeiros das universidades é aderir ao Future-se. Quem não aderir fica à míngua,

termo usado na semana passada durante o encontro entre a Andifes, a SBPC e o ministro.

MAIS DE 40 UNIVERSIDADES JÁ DISSERAM NÃO AO FUTURE-SE

Se o orçamento deste ano já é motivo de incerteza, as perspectivas para 2020 não são nada animadoras. Em entrevistas recentes, o secretário de Educação Superior, Arnaldo Lima, anunciou que estuda mudar os critérios de distribuição dos recursos entre as instituições federais. Um novo elemento seria um índice de gestão e governança produzido a partir de relatórios do Tribunal de Contas da União. A UFRJ está entre as cinco piores neste quesito.

De acordo com o pró-reitor de Gestão e Governança, André Esteves, “pode ter ocorrido um

excesso de autocritica da UFRJ no preenchimento” do questionário de autoavaliação que gerou o relatório do TCU. Além disso, Esteves, que fez parte da reitoria anterior, explicou que várias ações ligadas à gestão e governança foram aprovadas recentemente e seus impactos não foram registrados no último relatório, entregue no segundo semestre do ano passado. “Esperamos um salto na próxima avaliação”, disse.

O pró-reitor Eduardo Raupp observa que dados da governança são importantes, mas não podem ser os mais relevantes na avaliação de uma universidade. “O MEC diz querer premiar a qualidade. Mas esse ‘ranking’ só observa as atividades-meio. Não está contemplando os re-

sultados acadêmicos, avaliação dos cursos de graduação e pós, internacionalização”, disse. “Queremos trabalhar com critérios previamente definidos para nos orientarmos e critérios que peguem todo o escopo da administração da universidade”, completou.

A assessoria do MEC informou que uma proposta para mudar a matriz orçamentária das federais “está em estudo e estruturação, e será apresentada à sociedade em momento oportuno”. Também disse que haverá debate prévio com os reitores. Sobre possíveis perdas, a assessoria respondeu que “nada pode ser afirmado no sentido de que haverá redução de orçamento de alguma instituição de educação superior”.

MYLENA GONÇALVES/UFOP



OURO PRETO a federal mineira rejeitou o programa, no dia 20

CHAPA

1

Fortalecer a Adufrj, defender a universidade e garantir a democracia

Frente aos duros ataques que ameaçam a universidade e os docentes, a AdUFRJ é o nosso ponto de apoio mais seguro.

Ao escolhermos o nome da chapa, queríamos dar uma ideia exata do que nos define. Não é tarefa simples. As campanhas eleitorais são sempre recheadas de “mais do mesmo”, de lugares-comuns e de slogans gastos e repetitivos, pois, usados à exaustão, já não expressam a sua força originária. A nossa ideia principal “juntos pela universidade” não fugiu tanto à regra, mas é ela que fala de modo sucinto daquilo que de fato nos motivou para estarmos aqui. Somos de diferentes Centros, somos de gerações distintas, vemos a universidade por diversos pontos de vista, mas o que nos move é o sentimento de urgência para a defesa desse enorme e poderoso patrimônio brasileiro que é a UFRJ.

Incluímos “Ventos de maio” em nosso nome porque nos encontramos e começamos a dar forma à chapa no dia 15 de maio. Aquela gigantesca manifestação que ocupou o centro do Rio, e tudo que a antecedeu, é a resposta há muito procurada sobre quais os caminhos que a ADUFRJ e o ANDES precisam trilhar. É preciso estarmos nas praças e ruas conversando com a população, apresentando nossa produção, expondo nosso trabalho. Precisamos caminhar junto com as sociedades científicas e acadêmicas na defesa do conhecimento e da pesquisa; na defesa da educação com professores do ensino básico e fundamental, público e privado, resguardando nossas diferenças e a autonomia de cada movimento. Assim como os diversos movimentos estudantis, dos mais diferentes níveis, e especialmente com nossos estudantes, pois são eles a porção mais importante de todo esse processo. E, como servidores públicos, ampliar e fortalecer a ação junto aos técnico-administrativos. Um único dia e conseguimos de forma unitária e inequívoca demonstrar que a Educação é algo importante demais para ser deixada nas mãos de um governo que a quer destruir.

Estivemos nas ruas também no dia 30, e depois no dia 14 de junho, e no dia 13 de agosto. Seremos incansáveis em nosso compromisso com a defesa da educação pública e gratuita, da autonomia universitária e da liberdade de cátedra. Porém, estamos convictos de que a gravidade do momento está exigindo mais



de nós. Porque não mudaremos os rumos dos acontecimentos apenas repetindo fórmulas. Ao mesmo tempo, embora pareça contraditório num olhar superficial, não há muito que inventar sobre o passo principal a ser dado. O que precisamos é de uma ampla e sólida unidade de todos os professores da UFRJ. Temos a convicção de que esse é o passo primordial a ser alcançado, e em decorrência dele, encontraremos o melhor caminho a ser percorrido.

A recente eleição para a Reitoria da UFRJ não deixa dúvidas sobre isso. A condução de todo o processo garantiu a segurança jurídica e política para que a instituição pudesse fazer valer sua vontade: desde o modo como a comunidade Universitária conduziu o processo até o resultado eleitoral incontestável. Mas é também importante que seja dito, foi um processo sem que nenhum candidato ousasse romper o pacto democrático e se apresentasse ao CONSUNI. Isso foi uma conquista, uma vitória que envolveu toda a instituição, fruto

de uma longa maturação. E será dessa forma que conseguiremos enfrentar os grandes e difíceis embates que teremos pela frente.

Não vamos parar, nem voltar atrás

Nas nossas primeiras caminhadas pela campanha eleitoral confirmamos o sentimento primeiro que nos uniu: o que está em jogo é algo muito maior do que qualquer proposta de governo que enfrentamos no passado. As agências de fomento, os critérios de distribuição orçamentária, a nossa carreira, a autonomia universitária, a liberdade de cátedra: o complexo sistema universitário que construímos com o esforço de várias gerações e muitos embates, está hoje sob séria ameaça. A decisão de enfrentar esses ataques precisa partir do pressuposto que precisamos alargar de modo decidido nosso raio de ação. As duas últimas gestões da ADUFRJ conseguiram ampliar seu espectro de atuação política, diversificaram as formas de ação, incluíram

uma parcela importante dos professores que estavam afastados da vida sindical. As assembleias multicampi e iniciativas como a Campanha Conhecimento Sem Cortes e o Observatório do Conhecimento demonstram que podemos avançar ainda mais. E o momento da eleição para a diretoria é crucial para que confirmemos nossas escolhas.

O convite que fazemos a todos em nosso primeiro texto é o de que este seja um momento de ação crítica e participativa, em que os programas das chapas sejam examinados, os debates realizados e as divergências explicitadas. A vitalidade da vida democrática do nosso sindicato depende de nossa determinação em mantê-la. Vamos a ela!

Para nos conhecer melhor, visite nossa página no Facebook: Chapa 1 - Juntos pela universidade.

E acompanhe a gente no Twitter <http://Twitter.com/chapa1adufRJ>

CHAPA 1: VENTOS DE MAIO: JUNTOS PELA UNIVERSIDADE. NÃO VAMOS PARAR NEM VOLTAR ATRÁS.



Presidente:
Eleonora Ziller
Camenietzki
Faculdade de Letras



Vice-presidente:
Felipe Rosa
Instituto de Física



2º Vice-presidente
Christine Ruta
Instituto de Biologia



1º Secretário
Pedro Lagerblad
Instituto de Bioquímica
Médica



2º Secretário
Marcos Dantas
Escola de Comunicação



1º Tesoureiro
Josué Medeiros
IFCS



2º Tesoureiro
Jackson Menezes
Nupem/Macaé

CHAPA

2

Educação e ciência públicas contra a barbárie social

Qual o futuro da universidade pública e do trabalho docente em tempos em que o autoritarismo tenta silenciar a ciência?

Se escolhêssemos uma ideia para definir o atual momento, tempos sombrios, com certeza, seria uma boa síntese. A barbárie cotidiana é cada vez mais assustadora. Ao mesmo tempo em que a ciência é expurgada dos centros de decisão sobre clima, saúde, estatísticas, meio ambiente, a violência aumenta exponencialmente, alcançando principalmente a juventude negra nas favelas, LGBTQTTI, povos indígenas, camponeses, quilombolas e as mulheres.

Tal cenário se agravará com a aprovação da reforma previdenciária, a qual atingirá brutalmente parcela significativa de trabalhadores, que não terão o direito a se aposentar e não mais contarão com uma série de políticas no campo da seguridade social.

Os recursos destinados às Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) vêm sendo drasticamente reduzidos, ameaçando o seu funcionamento básico. O mesmo acontece com os recursos do CNPq e da FINEP. Não se trata de cortes ocasionais, mas de um processo histórico que culmina na Lei do Teto de Gastos (EC 95/2016), que retira do orçamento da União todas as verbas de custeio e capital. E no que tange à educação superior, a nova etapa desse ataque aos serviços públicos é o projeto FUTURE-SE, que objetiva retirar o dever do Estado de manutenção e desenvolvimento das IFES, em desacordo com a Constituição e a LDB.

(...) o FUTURE-SE rompe com a **democracia e a autonomia universitárias, princípios fundamentais da educação, conquistados na Constituição de 1988.**

O FUTURE-SE joga pela janela as muitas lutas em defesa de uma universidade laica, socialmente referenciada, democrática, capaz de pensar numa futura geração, exercendo sua cidadania plena. As recentes intervenções na escolha dos dirigentes de inúmeras IFES, pelo atual governo, são exemplos desta ruptura com a autonomia universitária. Por outro lado, a resistência da comunidade do CEFET-RJ a essas intervenções, no dia 20 de agosto, é uma atitude



que nos inspira.

O FUTURE-SE organiza, em uma única lei, a gestão das Universidades, por meio de uma Organização Social (OS), interferindo diretamente no tripé Ensino-Pesquisa-Extensão e colocando a Universidade sob uma filosofia ainda mais mercantil – na área da saúde, por exemplo, nossos HUS poderão atender fora do SUS, pelos planos de saúde privados. Neste sentido, o projeto busca iludir os pesquisadores (que poderiam “enriquecer”, segundo o MEC), com recursos provenientes do mercado que inexistem, visto que, no ambiente econômico vigente, não haverá “ecossistemas de inovação” que façam da pesquisa e desenvolvimento uma vantagem comparativa e retirará das instituições o controle sobre o seu patrimônio a ser concentrado no MEC e utilizado em fundos de investimentos aos quais as universidades serão subordinadas. Neste aspecto, o Estado desobriga-se de financiamento, evidenciando-se a inse-

gurança de tal fundo.

Se fere nossa existência, seremos RESISTÊNCIA!

Somente a luta coletiva é capaz de mudar uma realidade, e ela deve ser construída com cada professor desta Universidade.

Diante deste cenário, como podemos resistir ao brutal ataque à educação pública?

É na oposição a tal projeto de barbárie e ataque à educação e à ciência que apresentamos nossa chapa “Em Movimento pela Base” para a ADUFRJ, organizando-nos para lutar contra todas as formas de discriminação, pela educação, ciência e tecnologia e pela autonomia da universidade pública e gratuita, ameaçada, frontalmente, pelo FUTURE-SE.

Acreditamos que o papel de um sindicato como a ADUFRJ é essencial na construção da resistência junto aos professores, em

seus locais de trabalho, lutando em defesa da educação e da ciência, como instrumentos de redução das desigualdades e por melhores condições de ensino, pesquisa e extensão. Queremos um sindicato que possa atuar de maneira autônoma às estruturas institucionais, em relação à reitoria, às decanias e administrações em geral, assim como em relação aos governos e partidos políticos.

Como nos lembra Mario Benedetti, não podemos deixar que apaguem nossa memória: “cantamos porque o cruel não tem nome, embora tenha nome seu destino (...) cantamos porque os sobreviventes e nossos mortos querem que cantemos (...) e somos militantes desta vida e porque não podemos nem queremos deixar que a canção se torne cinzas”. Somente a luta coletiva é capaz de mudar uma realidade, e ela deve também ser construída com cada professor e professora desta Universidade. A Adufrj-SSind não pode estar parada, ela deve estar em Movimento pela Base!

CHAPA 2: ADUFRJ EM MOVIMENTO PELA BASE



Presidente:
Alessandra
Nicodemos
Faculdade de Educação



Vice-presidente:
Selene Alves Maia
Instituto de Matemática



2º Vice-presidente
Marcelo Paula
de Melo
Educação Física



1ª Secretária
Marinalva Oliveira
Faculdade de Educação



2º Secretário
Filipe Boechat
Instituto de Psicologia



1º Tesoureiro
Wilson Vieira
Instituto de Economia



2ª Tesoureira
Regina Pugliese
CAp (aposentada)

Eleições da AdUFRJ: debate na quinta, 29

> Primeiro encontro entre as chapas que disputam a próxima gestão da seção sindical acontece no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, no Centro, às 10h

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

O primeiro debate entre as chapas que disputam as eleições da AdUFRJ para o biênio 2019-2021 acontece na próxima quinta-feira, dia 29 de agosto. O local já está marcado: será na Sala 106 do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), às 10h. O encontro é aberto a toda a comunidade acadêmica.

Também estão na agenda outros dois embates de ideias: no dia 3 de setembro, na Praia Vermelha, e no dia 5, no Fundão.

Os debates terão a mediação do presidente da Comissão Eleitoral, professor Ricardo Medronho, que poderá ser substituído por outro integrante da comissão. Também compõem o grupo os professores Luciano Coutinho, Hêlio de Mattos e Mônica Cardoso.

No dia 21, a Comissão Eleitoral definiu as regras dos debates. Cada chapa terá direito a indicar dois integrantes para cada um dos debates. A primeira parte do debate terá uma exposição inicial de 15 minutos para cada chapa apresentar seu programa. A ordem de apresentação será sorteada antes do



início de cada encontro.

Em seguida, haverá três blocos de quatro perguntas. Cada pergunta deverá ter até dois minutos de elaboração. Os nomes dos formuladores serão sorteados pela Comissão Eleitoral ao longo dos debates. As chapas terão oito minutos, ao final de cada bloco, para responder às questões.

Na última parte, cada uma das chapas terá seis minutos para as considerações finais.

As eleições da AdUFRJ vão mobilizar 23 seções eleitorais nos dias 11 e 12 de setembro. Haverá urnas em todos os campi e nas unidades isoladas do Centro, em Xerém e em Macaé.

A partir desta edição do Jornal da AdUFRJ, as chapas inscritas no processo eleitoral apresentam seu programa nas páginas

4 e 5. Inscreveram-se para a disputa: Chapa 1 - Ventos de Maio, Juntos pela Universidade. Não vamos parar nem voltar atrás; e a Chapa 2 - Adufrrj em Movimento pela Base.

Pela Chapa 1, a professora Eleonora Ziller (Faculdade de Letras) se candidata a presidente da AdUFRJ e o professor Felipe Rosa (Instituto de Física) a vice-presidente. Já pela Chapa 2, as professoras Alessandra Nicodemos (Faculdade de Educação) e Selene Alves Maia (Instituto de Matemática) disputam a presidência e a vice-presidência, respectivamente.

CONSELHO DE REPRESENTANTES

Ainda está aberto o prazo para inscrição ao Conselho de Representantes da AdUFRJ, órgão

consultivo que apoia as ações da diretoria da seção sindical. O período de candidatura ao cargo termina no dia 30 de agosto. Podem se inscrever docentes sindicalizados até o dia 13 de maio.

Todos os docentes ativos e aposentados, sindicalizados até 12 de julho, podem votar para a diretoria e para o Conselho de Representantes.

VEJA OS LOCAIS DOS DEBATES

■ **Dia 29 de agosto:**
Sala 106 do IFCS, Centro, às 10h.

■ **Dia 3 de setembro:**
Auditório Manoel Maurício, Praia Vermelha, às 18h.

■ **Dia 5 de setembro:**
Auditório da Escola de Química, às 14h.

NOTAS

MORRE O PROFESSOR E ECONOMISTA CLAUDIO SALM

Morreu na terça-feira (20) o economista Claudio Salm, aos 77 anos. Salm era professor do Instituto de Economia desde 1985. Ele lutava há sete anos contra um câncer de pulmão. O economista era uma referência nos estudos sobre mercado de trabalho no país. Seus estudos enfocavam a questão do trabalho e a sua relação com educação, qualificação, renda e produtividade. “Claudio considerava que a economia tinha como objeto a produção de riquezas por meio do trabalho. Principal referência para os estudos sobre mercado de trabalho no Brasil, encarou o desafio de desvelar as causas da combinação do trabalho não especializado e especializado. Tornou-se fonte de consultas para movimentos sindicais e pesquisadores. Foi um intelectual potente. Deixa herdeiros entre economistas jovens formados na UFRJ que, tal como ele, sabem que a economia é uma ‘ciência moral’”, disse a vice-presidente da AdUFRJ, Lígia Bahia.

UFRJ VAI CONCLUIR POLÍTICA DE INOVAÇÃO ATÉ O FIM DE 2019

A UFRJ pretende aprovar sua política de inovação até o fim deste ano no Consuni. Durante o encontro “O Futuro da Inovação da UFRJ”, no Parque Tecnológico, a pró-reitora de Pós-Graduação da UFRJ, Denise Freire, disse que está em formação um comitê com cerca de 12 integrantes de diferentes áreas da universidade para elaborar as diretrizes da política. O texto será aberto para consulta pública e enviado por e-mail a todos da UFRJ. Depois, o texto será discutido nos centros da universidade. O vice-reitor da UFRJ, Carlos Frederico Leão Rocha, lembrou que a elaboração da política de inovação foi tema de campanha. “Dissemos que teríamos um olhar especial ao processo de inovação e a principal questão era a ausência de um arcabouço normativo”, disse. Sobre o Future-se, rejeitado pelo Consuni, o vice-reitor disse que os três eixos do projeto já estão presentes na UFRJ. “Já fazemos isso e razoavelmente bem”. A reitoria está aberta a sugestões através do email: inovacaoufrj@pr2.ufrj.br.

Cortes nas bolsas do CNPq ameaçam pesquisas e vidas

> Perfil que pode deixar de frequentar a pós-graduação brasileira é de pesquisadores negros e com origem em famílias pobres. “São anos de investimento público que serão jogados no lixo”, diz aluno

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Desalento. Esta palavra resume o sentimento de significativa parcela de pesquisadores e cientistas brasileiros. O corte de 4.500 bolsas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), somado à ameaça de suspensão do pagamento de outras 79,5 mil bolsas, gera inseguranças. Eles não sabem como permanecerão em seus cursos, como continuarão suas pesquisas, o que farão de suas vidas. “São anos de investimento público em mim que serão jogados no lixo. Fui bolsista de iniciação científica, bolsista no mestrado e agora no doutorado”, conta William Luiz da Conceição, pesquisador do Museu Nacional.

Ele deixou Joinville (SC), sua cidade natal, para realizar o sonho de ser o primeiro doutor da família. “Infelizmente não tenho como me manter numa cidade tão cara como o Rio de Janeiro. Minha única alternativa é trancar o curso, voltar para Santa Catarina e tentar um trabalho na indústria”, avalia. “Não conseguirei um emprego para minhas qualificações, nem afinado com meu objeto de estudo, que

CNPq CHORA.
Imagem criada pelo artista André Hippert tomou conta das redes



é nível 7 da Capes e considerado o melhor da América Latina. Foi o primeiro programa da UFRJ a introduzir as cotas raciais em sua seleção. “Certamente os alunos que ingressaram por ação afirmativa serão os mais prejudicados”, conclui o docente.

Também nível 7 na Capes, o Programa de Engenharia Química perdeu três bolsas de mestrado e quatro de doutorado. Para o coordenador, professor Frederico Tavares, o desmonte tem consequências graves. “Vão

acabar com a pós-graduação brasileira”, afirma. “Quem faz a pós são os bolsistas”, avalia.

Outro programa nível 7 que também sofre com os cortes é o de Física. O coordenador, professor Nelson Braga, afirma que perdeu quatro bolsas de doutorado do CNPq. “É prejuízo para o estudante, para a pesquisa, para o programa”, argumenta. As incertezas, de acordo com o docente, podem desestimular a formação de novos pesquisadores. “A insegurança com o

ADUFRJ

sistema de bolsas vai afugentar os jovens. É algo muito perigoso para o país”, afirma o professor.

Para debater os cortes, a Associação de Pós-Graduandos da UFRJ (APG) realiza assembleia no próximo dia 29, no hall do Bloco A do CT, às 13h.

NÚMEROS DO DESMONTE

O CNPq é responsável pelo financiamento de mais de 11 mil pesquisas em todo o país. Dessas, 439 estão na UFRJ. Ao todo, 1.425 programas de pós-graduação no Brasil são apoiados pela agência. Na UFRJ, são 70.

A Assessoria de Imprensa do CNPq confirmou que o déficit de R\$ 330 milhões na rubrica de bolsas impede a continuidade dos pagamentos a partir de outubro. “Se não houver um crédito suplementar ao orçamento, a folha de pagamento será cumprida no próximo mês e não haverá mais recursos para os meses restantes deste ano”.

SOMOS TODOS CNPq

O abaixo-assinado produzido pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em defesa do CNPq já ultrapassou as 880 mil assinaturas. Quem quiser aderir, basta acessar change.org e procurar pela petição “Somos todos CNPq!”.

Macaé: dez anos de excelência em saúde

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrrj.org.br

Os cursos de Enfermagem e Obstetrícia, Medicina e Nutrição do campus da UFRJ em Macaé completaram uma década neste mês. A pró-reitora de Graduação, Gisele Pires, representou a administração central nas comemorações realizadas no dia 21. A Câmara Municipal realizou, na mesma data, uma sessão solene pelos dez anos da

da criação do curso de Medicina. Os cursos de Enfermagem e Obstetrícia e Nutrição serão homenageados em 28 de agosto. “Foi uma emoção muito grande estar em Macaé nas comemorações dos dez anos de presença da UFRJ naquela região. Foi um momento realmente ímpar”, comunicou a pró-reitora ao Conselho Universitário do dia seguinte. A reitora Denise Pires de Carvalho justificou a ausência em função de audiência com o



HOMENAGEM UFRJ comemorou uma década de atuação em Macaé

Ministro da Educação, Abraham Weintraub, em Brasília.

A UFRJ está presente em Macaé desde a década de 80, desenvolvendo pesquisas do Instituto de Biologia nas lagoas da região. A evolução do trabalho deu origem ao campus instituído em 27 de março de 2008. As primeiras turmas de Medicina, Enfermagem e Obstetrícia e Nutrição começaram em 2009.

A primeira década da interiorização da UFRJ no Norte Fluminense foi celebrada por diversos conselheiros, na sessão do dia 22. “A UFRJ está proporcionando uma mudança radical

no sistema de atendimento à saúde de Macaé. O SUS está transformado naquela região”, disse o professor Francisco de Assis Esteves, vice-diretor do Nupem/UFRJ.

“Os relatos dos usuários são que o Sistema Único melhorou de maneira enfática graças à presença dos cursos de saúde da universidade”, acrescentou. “Foi extremamente emocionante e gratificante saber nosso poder transformador numa localidade, sobretudo num momento de tantos ataques à educação e a tudo que é público”. (Colaborou Silvana Sá)

Academia pede clareza a novos critérios da Capes para bolsas

ANA PAULA GRABOIS
anapaula@adufrrj.org.br

O governo pretende adotar novos critérios na distribuição de bolsas de pesquisa de pós-graduação. A proposta de alteração dos critérios foi apresentada em reunião do Conselho Superior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) na semana passada, mas há poucas informações sobre qual seria o seu efeito concreto.

“Estamos sem informação. Pedimos que façam as simulações antes de qualquer discussão. Queremos saber o que isso vai representar, pois não está claro”, disse o presidente da Academia Brasileira de Ciências, o professor da UFRJ Luiz Davidovich, que participou da reunião.

A Capes pretende dar prioridade às áreas consideradas estratégicas pelo atual governo: Medicina, Odontologia, Engenharias e Computação e reduzir o apoio para as Ciências Sociais e Humanas, como Sociologia e Filosofia. Também quer inserir o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) das cidades de origem dos programas pós-graduação como fator de distribuição das bolsas. Estudantes de doutorado terão prioridade em relação aos mestrandos. A Capes ainda pretende avaliar o teor das pesquisas, o que levanta a possibilidade de enviesamento ideológico.

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) tem um grupo de trabalho em Educação Superior e Pós-Graduação que vai avaliar a proposta, mas não há ainda uma manifestação formal da entidade.

A diretora da SBPC Fernanda Sobral, também professora da Universidade de Brasília na área de Sociologia, avalia que a proposta do governo precisa ser estudada. “Pessoalmente, não compartilho que as disciplinas de Humanas tenham peso menor que as de Exatas, Tecnológicas ou Agrárias”.

A professora questionou a escolha das áreas consideradas estratégicas – Saúde e Engenharias –, em detrimento de outras. “Tanto Defesa quanto Segurança Pública são objetos de muitos estudos nas Ciências Humanas. Por que não são prioridades?”, indagou.

Em abril, a Associação Brasileira de Antropologia, a Sociedade Brasileira de Sociologia, a

Associação Brasileira de Ciência Política e a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais publicaram nota em resposta aos ataques que o presidente Jair Bolsonaro e o ministro da Educação, Abraham Weintraub, já faziam às Ciências Sociais e Humanas. “É tão equivocado e enganoso avaliar as diferentes disciplinas e a reflexão filosófica pela sua aplicabilidade imediata quanto desconhecer a importância histórica das Ciências Sociais e das Ciências Sociais Aplicadas no desenvolvimento de diferentes tecnologias voltadas à resolução de graves problemas da sociedade. A reflexão das Ciências Humanas e Sociais, incluída a Filosofia, tem sido tão crucial para a formulação e avaliação de políticas públicas como para

o desenvolvimento crítico das demais ciências”, afirmavam as associações na nota.

Para a pró-reitora de pós-graduação da UFRJ, Denise Freire, os critérios precisam ser discutidos com a comunidade acadêmica. “A adoção de novos critérios não pode ser de cima para baixo”, afirmou.

Sobre os novos critérios, como IDH, teor de pesquisa e área prioritária, a pró-reitora questiona: “Trata-se de uma política de Estado ou uma política de governo e temporária? Acredito que deveria ser uma política de Estado muito bem estruturada antes de se tomar qualquer decisão. Porque se cria um viés muito ideológico. Isso não é bom porque acaba prejudicando o pensamento crítico”, completou Denise Freire.

EXPOSIÇÃO História e obra de Sergio Bernardes estão expostas no mezanino do prédio da reitoria



C · A · L · E · I · D · O · S · C · Ó · P · I · O

SERGIO BERNARDES

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrrj.org.br

Ex-aluno da UFRJ e arquiteto premiado, Sergio Bernardes completaria 100 anos em 2019. Para homenagear o centenário do autor de projetos célebres, como o do Pavilhão de São Cristóvão, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo promove uma exposição no mezanino do prédio da reitoria. Aberta no dia 20, a mostra apresenta os primeiros trabalhos de Bernardes – que faleceu em 2002 –, em uma fase de diálogo mais estreito com o modernismo brasileiro.

Guardião da memória do marido, Kykah Bernardes celebra o reencontro do arquiteto com a universidade. “Estive muitas vezes com o Sergio, na UFRJ, para homenagens. Ele foi muitas vezes patrono de turmas. Agora, ele volta como parceiro para provocar o pensamento e a criatividade dos alunos”, diz a viúva. “Quem conhecia o Sergio sabe que ele tinha uma personalidade caleidoscópica. Todas suas facetas se articulavam e conviviam”.

“Essa exposição, na FAU, traz um pouco desses projetos iniciais que refletem a formação acadêmica e também o que



MAQUETE Projeto do Sanatório de Curicica, desenhado por Bernardes, encanta público

era a faculdade no período em que ele se formou”, explica a professora Ana Maria Gadelha Amora, um dos nomes da curadoria. A docente conta que o sanatório de Curicica foi sua primeira obra, depois de formado, em 1948.

A proposta de conexão entre passado e presente fez sucesso com o público. “Existem duas maquetes muito grandes bem no

meio da exposição, uma do Sanatório (de Curicica) e outra da Casa de Lota (Macedo Soares, em Petrópolis). Acho importante que, além das imagens e das plantas, possamos ver isso em 3D”, opinou a estudante Renata Esteves, do sexto período. Da mesma turma, Caio Coelho falou sobre os desenhos originais do arquiteto, como diários de trabalho: “Às vezes, conhecemos

o produto final, mas não conhecemos o pensamento do arquiteto”.

A mostra “SB100 – Sergio Bernardes” é parte de um conjunto de eventos comemorativos dos 100 anos do nascimento do arquiteto. As peças expostas ao público fazem parte do acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação (NPD) da UFRJ. Foram doadas pela viúva do arquiteto, Kykah Bernardes. Segundo o arquivista do NPD, João Claudio Parucher da Silva, os trabalhos são, de longe, os mais procurados para pesquisa.

Entre as obras premiadas ou de reconhecimento internacional, também podem ser conferidos na exposição os projetos da residência Hélio Cabal; do Edifício Casa Alta; do pavilhão de São Cristóvão; e do primeiro prédio do Centro de Pesquisas Leopoldo Américo Miguez de Mello (Cenpes/Petrobras), na Cidade Universitária.

Em setembro, o Programa de Pós-graduação em Arquitetura da FAU lançará uma publicação especial. “Será uma edição digital, que facilmente chegará a duzentas páginas, apenas com artigos inéditos dedicados exclusivamente a Sergio Bernardes”, diz a coordenadora, professora Ethel Pinheiro.

FOTOS: FERNANDO SOUZA

MUSEU NACIONAL PARTICIPA DE LIVRO SOBRE RECIFES

■ Especialistas e curiosos sobre o litoral nacional já podem reservar um espaço na biblioteca para a mais nova referência sobre o tema: “Recifes Brasileiros: o Legado de Laborel”. A obra, que contou com a participação da UFRJ, traduz e atualiza um pioneiro trabalho do francês Jacques Laborel (1934-2011). A bióloga Françoise Laborel-De-

guen, viúva do pesquisador, assina a edição ampliada ao lado dos professores Clovis Castro e Débora Pires, do Museu Nacional, e de Flávia Le Dantec Nunes, do Instituto Francês de Pesquisa para a Exploração do Mar. “Foi o primeiro trabalho da era moderna sobre os recifes brasileiros. Ele trouxe uma modernidade enorme com mergulho autôno-

mo de cilindro, fotografia submarina, uso e sobrevoo para ver as constituições das formações, datações de carbono para saber a idade das estruturas em diferentes níveis”, explica Clovis.

DOAÇÃO PRECIOSA

No evento de lançamento do livro, dia 16, Françoise doou à UFRJ duas obras da biblioteca

pessoal do casal. Uma delas, “A journey in Brazil”, de 1868, foi perdida durante o incêndio do Museu Nacional em 2018. O outro título, também em inglês, é “The Stone Reefs of Brazil, their Geological and Geographical Relations, with a Chapter on Coral Reefs”, do geólogo americano John Casper Branner, de 1904. **(Elisa Monteiro)**



FERNANDO SOUZA